



REDACÇÃO PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
EDITOR — JOAQUIM CARDOSO

Redacção, administração e tipografia, Calçada do Cambro, 28-A, 2.º
Lisboa — PORTUGAL
Endereço telegráfico: Taltaba-Lisboa — Telefone 5338 O.

Officinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 116

A BATA LHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

O MOTOR-CONTINUO

O sr. Esteves Barbosa

nega a força da gravidade, o fogo central e o peso dos gases...

Só ontem o sr. Esteves Barbosa revelou todos os seus dotes extraordinários. Ele não é apenas o inventor do motor-continuo, é o químico ilustre, o fotógrafo distinto, o *touriste* arrojadíssimo, o astrónomo de valor.

A sua energia é inigualável. Tam depressa sobre, lutando contra todas as dificuldades, até à cratera do Vesúvio, como se dedica ao estudo de transcendentes problemas astronómicos, ou, com uma audácia colossal, nega tudo quanto os sábios afirmam.

Esteves Barbosa é incontestavelmente um grande homem. Barbosa é um grande orador. Correram ontem à Câmara Municipal centenas de pessoas, sedentas de novidade, a beber a ciência pura que a sua palavra dá. O seu verbo sugestivo abraçou a imensidão universal, arrancou da obscuridade da nada as moléculas e os átomos, trouxe-os à nossa vista curiosa, iluminados pelas suas «novas leis da sua descoberta».

Barbosa, que já tem na História o seu *fauteuil* marcado, é também — imaginem que mais há de ser esse que já é tão grande! — Barbosa é um sociólogo profundo. Oh, o que ele disse da barba de Deus e dos operários!

O seu forte, porém, está nos *alimentos*. Para obter alimentos foi Esteves Barbosa atirar pedras ao Vesúvio, visitou a Ilha do Fogo, a Vinça e a Feira da Ladrão.

Tirou conclusões: o Vesúvio não é alimentado pelo fogo cuja existência no centro da terra os sábios afirmam. (Os sábios, como eles são ignorantes).

Em Vinça aproveitou uma lente e pediu-lhe uma fortuna. Barbosa não desanimou; correu de Vinça a Lisboa, dirigiu-se à Feira da Ladrão e comprou-lhes. Estava resolvida a questão. Com os pintores conseguiu ele examinar o sol e tirar-lhe o retrato.

Agora aparece-nos o astrónomo transmutado em pintor. Sim, o sr. Barbosa já vem pintar há muito; pintou um sol vermelho às pintinhas pretas. Toda a gente viu ontem o sol pintado pelo sr. Barbosa. Era uma maravilha; lembrava uma grande *Joaninha* voa, voa.

Esteves Barbosa entusiasma-se facilmente pelos assuntos, chega, por vezes, à exaltação:

— Venham para cá — grita ele — os sábios com as suas teorias muito bonitas! Em sósinho, com a minha observação, consegui descobrir que não existe na terra nenhuma lei de atracção, existe, sim, a lei compressiva! Tantos e tantos levaram miligramas de madeira como miligramas de ferro. A compressão é que faz com que os objectos caiam sobre a terra. Se fosse apenas a lei da atracção, como se equilibrariam um grande edifício ou uma chaminé altíssima. *Pero* a lei de atracção da terra, cavalheiros, não existe.

O sr. Barbosa não quer que exista a lei da gravidade não existirá. O sr. Esteves reduziu a ontem a pó. E tam versado está nestas leis físicas que as prova quimicamente.

ANTE UM REGIME NOVO

Através da Rússia

(«DA ROSTA WIEN»)

Operários alemães num congresso dos Soviéticos

No congresso dos Soviéticos locais de Yekaterinodar notava-se a presença de vários operários alemães. Um destes operários usou da palavra e depois de ter definido a situação da Alemanha, declarou que a paciência do proletariado alemão estava esgotada e que a Revolução não tardaria.

Os combustíveis

Avanesof, presidente do comité dos combustíveis, declara nos *vestibos* que as medidas projectadas permitirão conjurar rapidamente a crise dos combustíveis. O stock de lenha aumentou já sete milhões de sacos cúbicos, o que basta para as necessidades dos caminhos de ferro e das empresas industriais. O transporte da lenha está assegurado, graças ao auxílio activo dos camponeses. Além disso, também o exército vermelho participará nestes trabalhos. Depois da abertura da navegação no Volga grandes quantidades de nafta chegarão aos centros industriais.

A campanha agrícola

Na primeira sessão da conferência dos conselhos agrícolas e dos comités de sementeira da província de Moscú, Kamenief explicou a política agrícola inaugurada pelo VIII Congresso dos Soviéticos, pedindo aos camponeses que se organizassem em todas as localidades para pôr em execução as leis adoptadas pelo Congresso. A tarefa principal do conselho agrícola consiste em pôr a ciência agrícola ao serviço da economia rural socialista. Depois do discurso de Kamenief vários relatórios foram apresentados à conferência. Os delegados camponeses declararam querer sustentar com todas as suas forças o poder dos Soviéticos e fizeram propostas práticas relativamente à campanha de sementeiras.

A Ucrânia continua a progredir

Um deputado comunista romeno, Dobroghere Ghera, de volta da Rússia, onde esteve durante seis meses, teve uma entrevista com um representante da *Rosta* a quem comunicou as suas impressões acerca da Rússia: «Visitei primeiramente a Ucrânia. Neste país o poder dos Soviéticos não pôde ainda consolidar-se tam bem como no resto da Rússia. O capitalismo internacional não deixou descansar a Ucrânia Soviética e das províncias mais florentes fez verdadeiros desertos. Por exemplo a bacia do Don, possuía, antes da guerra, o melhor da indústria russa. O governo sovieta não teve tempo nenhum para reorganizar, o trabalho nestas ricas regiões mineiras, porque os contra-revolucionários de Denikine as ocuparam durante muito tempo.

Agora trabalha-se activamente em elevar o rendimento das minas e em pôr as oficinas em laboração. Percorri, em companhia de Rakovsky, comissário dos negócios estrangeiros, toda a província do Don. Todos os operários sabem que trabalham para eles próprios e não para os exploradores capitalistas. Eles sabem apreciar muito bem a diferença que existe entre a sua actual existência e a que levavam durante o regime de Denikine. O último Congresso dos Soviéticos decidiu a desmobilização parcial. O exército será reduzido a metade e os melhores operários entre os soldados desmobilizados irão para a bacia do Don. Os membros do partido comunista russo fazem todo o possível por desenvolver esta província industrial e dão o exemplo aos operários pelo seu zelo de trabalho.

As autoridades da Covilhã perseguindo os operários

COVILHÃ, 25. — As autoridades da burguesia acabam de prender dois operários da Construção Civil, por terem entrado num trabalho do proprietário Ferreira Copeiro, a fim de que os operários que ali trabalham respeitem o horário de trabalho, que estavam atraindo.

As autoridades fazem a acusação de agitadores e boicoteiros aqueles camaradas, como se isso mesmo fosse um crime, mas o que matou a verdade que se diga, é que as autoridades são coniventes na exploração da humanidade.

Pois não se compreende que sendo o dia de 8 horas uma lei da República, as autoridades prendam os que a querem fazer respeitar, enquanto os prevaricadores que dão ordens.

Uma comissão da respectiva Associação, ao entrevistar o administrador do concelho e o chefe da polícia, teve como resposta a afirmação de que os presos não dariam entrada na cadeia, mas sim que seriam deportados como agitadores.

Os operários não se devem intimidar e levar a sério a quixotesca atitude das autoridades, pois que tem a razão pelo seu lado e a organização operária.

E' preciso que se imponham e não se humilhem perante esses moços de recados da burguesia.

Os operários da Covilhã devem a todo o custo fazer respeitar o horário, que tem sido conquistado à custa de milhares de vítimas.

Veremos o tempo que os janizários da ordem tem detidos os nossos camaradas.

A reacção em Espanha

O Sindicato Unico da Construção Civil do Porto, em assembleia magna, lavrou o seu mais veemente protesto contra as perseguições de que estão sendo vítimas os camaradas de Espanha, por parte das autoridades daquele país, deliberando levar esse protesto junto dos representantes em Portugal por intermédio da Confederação Geral do Trabalho.

A mania das prisões

Como é sabido tem andado em propaganda, pelo sul do país, do próximo Congresso Nacional da Indústria Metalúrgica, os camaradas Júlio de Matos e Francisco Viana, delegados do Sindicato Unico Metalúrgico de Lisboa.

Tem a Batalha publicado notícias dos seus correspondentes, relativas à missão que aqueles camaradas andam a desempenhar e que não é mais que a propaganda dum congresso corporativo.

Pois acabamos de saber, por comunicação de Aljustrel, que Júlio de Matos e Francisco Viana, foram ali detidos quando iam realizar uma palestra na Associação dos Operários Mineiros daquelha localidade, sendo conduzidos para o posto da guarda republicana.

Não sabemos o motivo que originou a prisão daqueles camaradas, posto que hoje não tenhamos a estranha estas anomalias, esperando mais detalhes sobre o caso.

E' mais uma arbitrariedade contra a qual protestamos.

Em Inglaterra

Os mineiros e proprietários das minas discutem

LONDRES, 27. — Reuniram-se os representantes dos mineiros e os proprietários das minas para estudar a situação criada pela decisão governamental de exercer fiscalização na indústria das minas. A conferência não deu resultados porque enquanto os operários pretendem manter os seus salários nas bases actuais, os proprietários das minas desejam voltar ao antigo sistema de salários. Ambas as partes publicaram notas fazendo ressaltar a gravidade da situação. — *Rádio*.

Aumenta a legião dos operários sem trabalho

LONDRES, 27. — As estatísticas do ministério do trabalho publicadas no dia 18 de Fevereiro indicam que há na Inglaterra 1.169.400 operários sem trabalho inscritos nas repartições oficiais de colocações. A 11 de Fevereiro havia 1.148.684 e no sábado precedente 1.111.131. — *Rádio*.

EM FRANÇA

O partido socialista protesta contra a invasão da Geórgia pelos bolchevistas

PARIS, 27. — O sr. Frederico Brunet comunicou ao conselho municipal de Paris o apelo que o povo georgiano dirigiu aos socialistas de todo o mundo. Fez aprovar uma ordem do dia em que se verberavam as guerras de conquista e de opressão, proclamando o direito dos povos de dispor de si próprios e dirigindo uma saída ao povo da Geórgia e votando ao desagrado o governo bolchevista que sem declaração de guerra atacou a república da Geórgia. O partido socialista francês na sessão geral das secções parisienses votou por unanimidade a seguinte ordem do dia:

«O partido socialista francês protesta indignadamente contra o criminoso atentado cometido pelos bolchevistas contra a república socialista da Geórgia. Violando o tratado de paz assinado entre o governo dos soviéticos e o governo da Geórgia, tropas bolchevistas levaram sem provocação a deslocação e guerra a povos que só aspiravam a viver tranquilos e independentes.

Inimigo das guerras o partido socialista francês denuncia a indignação dos trabalhadores o novo crime dos bolchevistas». — *Rádio*.

UMA BATALHA TEATRAL

O sr. major e o Teatro Nacional

Quando triunfará o bom senso?

Ninguém o ignora: quasi todos os teatros desta terra estão monopolizados por meia dúzia de argentários que se exploram com mesquinhas preocupações metafísicas.

Não constitui, portanto, assombro para ninguém, que a arte se meça pela concorrência à bilheteira, e sejam servidas de preferência ao público produções teatrais susceptíveis de garantir lucros fabulosos.

Para evitar que a arte teatral, nesse regime inquisitorialmente industrial, seja impiedosamente sacrificada, torna-se necessária a existência de um teatro, isento de preocupações financeiras, que por meio de consecutivas realizações artísticas, force os outros teatros a restringir os seus desmandos.

E a concorrência dos teatros subvencionados pelo Estado se deve em muitos países que a arte se não degrade excessivamente.

Temos também nós ali no Rossio um edifício do Estado denominado «Teatro Nacional Almeida Garrett», onde se poderia proteger a arte teatral, defendendo-a da falta de escrúpulos e da ignorância atrevida de certos empresários.

Rezamos os relatórios que precedem os decretos reguladores do seu funcionamento, ser ele destinado «a elevar e engrandecer a literatura dramática portuguesa».

Mas não basta, consignar num papel, que o vento leva, as frases devoradas e as sentenças consumidas, a literatura dramática portuguesa se engrandeça, para que a miséria abandonada a horrível decadência em que vegeta.

A arte não se eleva por meio de decretos, e se alguém assim pensa é caso para lamentar a família a quem sucede a desgraça de estar unida por laços sanguíneos a um idiota.

Acreditamos que tam disparatada ideia se não encaixasse na cerebração dos nossos ministros da instrução pública. Seria, portanto, do mais elementar bom-senso supor que eles tivessem concedido ao teatro Nacional todas as facilidades técnicas e financeiras que lhe permitissem executar a função de teatro destinado a proteger a arte dramática.

Porém, nenhum ministro da instrução pensou em fazê-lo.

Ignorância? Imbecilidade? Não. Simplesmente porque os nossos ministros da instrução, ao descerem as escadas do centro político para subir as do ministério, não levam planos para servir o país; levam instruções para servir o partido.

Se o ministro servir os interesses do país em detrimento dos interesses do partido, arrisca-se a uma falência rápida e certa. Servindo o partido, tem a sua reputação firmada, a sua carreira política assegurada. Para optar pelo país contra o partido seria necessário possuir nobreza de alma, espírito de sacrifício, coragem cívica — toda uma série de qualidades inenunciáveis na política. Por isso, voltará sempre as costas com supersticioso terror ao interesse colectivo.

E' necessário nomear um gerente para o Teatro Nacional. Para que a função desse teatro não seja deturpada, a escolha deve recair sobre uma individualidade que se distinga pela sua honestidade, desinteresse, inteligência e conhecimentos técnicos. Mas dessas razões não cura o ministro...

E nesta questão, como em todas as questões, o ministro, segundo o seu hábito predilecto, nomeará de preferência um correligionário. Evidentemente que não nomeará um bachaleiro, dos muitos bachaleiros que tem a sua existência ligada a dum regime que os não mete na cadeia, porque ele só tem uma preocupação — o bacalhau.

Não nomeará também um revolucionário civil, porque este só se interessa pelo café, pelo centro, pelo parlamento.

Havia, porém, um homem a quem o Teatro Nacional interessava. Era o sr. major sr. Luís Galhardo.

E o ministro, caixeiro obediente dos interesses do partido, instalou no Nacional o sr. major...

O sr. major Luís Galhardo é um homem de teatro em evidência — com interesses em quasi todos os teatros. E' mesmo de entre os que ao teatro se dedicam o que tem maior poderio, maior influência, maior audácia.

E' autor dramático consagrado, é empresário com muita actividade, muita iniciativa, muitos expedientes... A história do teatro em Portugal, nestes últimos anos, pode resumir-se na história da sua actividade colossal. A sua vida intensa dá uma biografia extensa. Como autor dramático, lançou-lhe-famos, se o sr. major não fosse um revisteiro, e as suas revistas iguais às que para si se exibem, merecia da complacência da policia e da incultura do público especial que as admira.

Que pena não ter subscrito o *Pedro o Cru*, o *Ninho de Aguias*, o *Abel Cain* ou outro qualquer original português de mérito!

Se não podemos concordar com o revisteiro, a nossa discordância avoluma-se ao analisar a sua orientação como empresário. O seu extraordinário espírito de iniciativa, a sua prodigiosa actividade, piamente conduzidas, tem contribuído eficazmente para a actual decadência do teatro português. O sr. Galhardo desfez companhias dra-

máticas bem organizadas e com tradições artísticas, como a que esteve no S. Luís, organizou companhias a esmo sem homogeneidade, incapazes de garantir uma interpretação decente a qualquer peça — ainda a mais mediocre. Os elencos dos teatros viviam apenas do prestígio de um ou dois artistas de mérito. Isso criou na maioria do público ingenuo dos teatros a crença idiótica de que em todas as peças só havia dois papéis, dois personagens, os restantes não tinham importância, porque o público já habituado não reparava, não se zangava... Colocou nos teatros de declamação artistas de opereta; nos de revista artistas de declamação, e em todos cristurinhas que muitos afirmam não serem artistas senão nos cartazes e nos reclames pagos de jornais. Deslocou artistas duns teatros para outros; na mesma época deslocou companhias de Lisboa para o Porto, dando ao movimento teatral um aspecto patético e deprimente de bandos de saltimbancos, sem domicílios certos, sempre de malas prontas para a vagabundagem.

A revista, com o seu calão repugnante, a sua irreverência pela moral e pelos costumes, tem sob o seu consulado uma enorme preponderância.

Aos teatros de declamação não faltarão traduções em bundo de todas as peças que em França e em Espanha constituem o fixo das literaturas dramáticas.

Nem uma peça de intuídos sociais que satisfizesse os anseios da nossa época convulsionada, só revistas pornográficas, só operetas obsoletas, dramáticas, peças sem interesse, sem moralidade.

O sr. Galhardo, no teatro, só uma coisa elevou: o preço das entradas que hoje atingem quantias exorbitantes.

O teatro hoje não é admirado; é tolerado.

Não se frequenta o teatro por entusiasmo; frequenta-se por hábito. Alguns também lá vão porque é *chic*.

Os intelectuais desprezam-no e raras vezes o frequentam, e a parte mais consciente do povo desistia-o.

Para que servem hoje os teatros? Que função social desempenham?

Envenenam lentamente, continuamente, os que os frequentam, aumentam a corrupção duma sociedade que se vai delinquendo aos poucos — eis a sua função social.

Pois é ao homem que mais contribui para a decadência e o descrédito do nosso teatro, que se lhe vai entregar a direcção do Nacional.

E' o sr. Galhardo que, aproveitando-se da complacência dos ministros da instrução, se apodera do teatro que devia lutar encarnadamente, com energia, decisão, contra ele, contra a sua obra de demolição pavorosa.

Mas havia um decreto, cuja doutrina tinha de ser respeitada, cumprida.

Pois para dar cumprimento ao decreto, foi nomeado o major, o mais irredundante inimigo do mesmo decreto.

O Teatro Nacional passou a ser um teatro *galhardizado*. Devia proteger a literatura dramática portuguesa e guerreou-a a ficadamento.

O seu gerente, inimigo da literatura dramática portuguesa por ela contrariar os seus interesses, incapaz de orientar o seu levantamento, porque é um revisteiro incompetente, brinca com os interesses dos autores portugueses, como o gato brinca com o rato.

Desrespeita o decreto praticando actos que o mesmo decreto não permitia. Até a confirmá-lo o seu último desatento que provocou nos jornais uma polémica apaixonada.

Nem período muito próximo do Carnaval, após o fiasco retumbante de quatro peças, pretende o sr. Galhardo que se representasse o *Calvário*. Sr. Galhardo não é um insucesso já previsto de antemão, para qualquer peça que se estreasse nessa última, e o gerente sabia hábilmente retirá-la da scena.

Como o sr. Galhardo protesta, o sr. Galhardo prometeu-lhe, em troca dos prejuizos, que a representação do *Calvário* próximo do período carnavalesco lhe acarretasse, garantiu 14 representações.

Porém, retirou a de scena ao fim de seis réditas, alegando «prejuizos» e citando um artigo que lhe conferia esse direito.

Mas havia o compromisso moral assumido. Porém, o sr. Galhardo não se preocupa com compromissos morais. O sr. Galhardo é, acima de tudo, um homem de negócios. E os homens de negócios não se embaraçam com semelhantes frivolidades.

Derrubado o sr. Galhardo, o sr. Galhardo, contente por se ter desembaraçado dum inimigo perigoso, pela sua reputação literária e pela sua energia, esmagará os outros autores com facilidade.

A questão do Teatro Nacional tem de resolver-se, rapidamente, definitivamente.

Ou se acaba com o Nacional, mudando-lhe o título para *Teatro Desnacionalizado* Luís Galhardo, ou então urge remodelar-se o decreto, e vassourar-se do teatro o sr. major.

O que não pode continuar é esta situação equívoca.

E enquanto ela subsistir, não deixaremos de protestar indignadamente.

Cristiano LIMA

VIDA DE MISÉRIA E FOME

Já várias vezes aqui tivemos ocasião de afirmar que as condições de vida do operário português não encontram paralelo em nenhum país da Europa, excepto talvez na Austria, onde sempre a existência foi difícil. O que impressiona, o que mais espanta os camaradas vindos doutros países para o nosso, é o preço louco de todas as cousas necessárias à vida, a disparidade pasmosa entre o que se ganha em Portugal e o que se é obrigado a gastar em artigos absolutamente indispensáveis. O vestuário, o calçado, a habitação, estilo para as fúrias do cada trabalhador numa proporção única. Mas o que principalmente se demonstra a inferioridade da nossa situação económica é no que respecta a alimentação. Alimentar-se, fugir à fome é para o operário de Portugal uma preocupação, uma obsessão continua e torturante. Mas é a fome, a vencedora. Quatro ou cinco milhões de portugueses vivem numa penúria extrema para gaudir e refestelo dos restaurantes. Não queremos já falar da ausência de conforto em cada lar de produtor, da impossibilidade de gozar um pouco a vida, de consagrar umas horas ao recreio, de assistir a uma representação teatral, de comprar um livro, de renovar, com a frequência que a decência impõe, o fato e o calçado. Falamos apenas na dificuldade de inaproveitável de conseguir, mediante um trabalho cotidiano e esforçado, os recursos necessários a satisfazer as exigências prementes do estômago.

Em Portugal a grande maioria passa fome. Isto bastaria, isto define, isto deprime. As estatísticas demonstram que o trabalhador português não chega, por falta de meios, é claro, a consumir a ração estrita da conservação da existência, sem querermos já aludir ao preciso suplemento alimentar destinado a cobrir as perdas ocasionadas pelo esforço do trabalho. No seu livro *O Povo Português* reproduz o sr. Bento Carqueja números curiosos e eloquentíssimos, demonstrando tudo o que vimos de afirmar. E todavia este nosso povo de Portugal não é estruturalmente pródigo. Exceptuados uns tantos, que a vida das cidades deformou, tornando-os uns ex-homens, já sem aspirações e sem vontade, amacalhados como farrapos, exceptuados esses, os portugueses crescem a alimentar a esperança ingenua dum lar, pobrinho embora, mas esmaltado pela gralhada safra dos bimbos em que os seus sonhos de futuro se concretizam — e trabalham por efectivo o que sonharam, e amacilham, pouco a pouco, uns saldos parcos conseguidos sabe Deus à custa de que heróicos sacrificios, porque cada moeda posta do parte representa um passo para o ideal acariciado. Nas paupérrimas festarolas dominicais é ver

que, pelas hortas, se dá por jantada uma família de seis pessoas depois de haver desbastado meia dúzia de carapaus, e uma salada tam abundante que um pires chega avondo para contê-la. E quando um camarada aporta cá, vindo do Inglaterra ou da América, oriundo da França ou da Itália, ao ver tamanha falta de conforto, tam evidente impossibilidade de viver, fica absorto perante o nosso aspecto resignado, perante a própria conservação duma raça que subsiste, trabalha e prolifera quasi sem comer, porque os seus recursos não dão para tal luxo.

Olhando as médias, temos que na Itália um qualquer operário, do profissimo sujeita a aprendizagem, um tipógrafo por exemplo, ganha diariamente de 25 a 30 liras. Se esse operário tiver predileções aristocráticas e preferir as doguras de um restaurante confortável à aspreza de um estabelecimento modesto, gastará num jantar, de sopa, dois pratos, pão, sobremesa e vinho — até vinho! — coisa de três e meia a quatro liras. Na pior das hipóteses, o operário italiano, amigo das suas comodidades, gastará em cada dia, para alimentar-se, a importância máxima de oito liras, isto é, menos de um terço do que auferiu pelo seu trabalho. Aquelles números que aqui publicamos há tempo, respeitantes ao custo da vida em Paris, mostram que o trabalhador parisiense não se vê obrigado a dispendir com a alimentação mais que a quarta parte do seu salário. Em Espanha também o orçamento dos proletários não sofreu gravame, nem durante nem após a guerra, o quem ganhar dez pesetas por dia pode considerar-se um principiante em confronto com os trabalhadores do russo maltratado país. A média dos salários, para os profissos sujeitas a aprendizagem, poderá justamente calcular-se entre nós em cinco escudos. E quem poderá alimentar-se em Lisboa — dando para a alimentação a mesma percentagem da fêria que dão os espanhóis, os italianos, os franceses, etc. — com quinze tostões diários, sabendo-se que semelhante quantia não para uma refeição é suficiente, pois que um prato escasso de detestável carne cozida custa, na maioria das casas do pasto, mil e duzentos?

A fome oprime verdadeiramente toda a população laboriosa de Portugal, e há ainda quem, clinicamente, conteste o fundamento às queixas dos famintos. E a gente a pensar na maneira de modificar este estado de coisas, sem saber se é a tomá, com os seus efeitos depressores, que conduz os homens à resignação e à passividade, ou se é passividade das vítimas que garante a continuação deste regime de fome!

Perfeito de CARVALHO

C. G. T. Espanha negra

Conselho Confederal

Para ultimar a discussão dos trabalhos pendentes na última reunião é convocado o Conselho Confederal a reunir, hoje, às 21 horas.

Partido Comunista Português

Os fundadores deste partido reuniram na sede da Associação dos Empregados de Escritório, pelas 15 horas, a fim de discutir as bases na especialidade.

Presidiu o camarada Alberto das Neves secretariado por Augusto Nunes Afonso e Artur Vieira Bastos.

Nascimento da Cunha em nome da comissão organizadora lê o primeiro capítulo que constitue as 1.ª, 2.ª, 3.ª e 4.ª bases que levantaram grande discussão, fazendo uso da palavra os camaradas:

Manuel Pereira, Alberto Monteiro, Aníbal da Silva, Caetano de Sousa, Eduardo Freitas, António Ferreira, Bernardino dos Santos, Joaquim Cardoso, Artur Bastos, João Rodrigues, José de Oliveira e Carlos de Araújo.

Foi por fim aprovado com grande entusiasmo da assembleia que a acção deste Partido fosse anti-parlamentarista. Devido ao adiantado da hora foi a sessão encerrada, para continuar hoje, pelas 20 horas, no mesmo local.

Abriu-se uma quete em a xílio dos presos sociais, que não sabemos ainda quanto rendeu.

39

